

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editoras», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE OUTUBRO DE 1909

N.º 257

As Praias Obscuras



Um trecho do caminho por areal entre Fão e Apulia

As Praias Obscuras



sta rendilhada e occidental praia lusitana fragmenta-se, desde o mar de Vianna á azul bahia de Lagos, num sem numero de praias, umas de que os periodicos se occupam nos seus registos estivos, outras que vivem obscuras, desconhecidas dos mesmos portuguezes, encolhidas entre uma onda-mestra e um biombo de areias.

São verdadeiros e poeticos refugios essas minúsculas enseadas, sem hoteis as mais das vezes, sem janotas, sem casinos, sem touradas de amadores e sem o monólito do correspondente officioso a espiar-nos os nossos passos, a aziar-nos o

descanso que a nossa alma doente de publicidade vae demandar á doce obscuridade d'um casinhôlo que só tenha por visinhos um rôlo de vagas ou a véla passajada d'algum moinho.

Inattingidas pelo pó das locomotivas, que esmagam debaixo dos seus rodados todo o pequenino cantico de poesia que atravesse as suas linhas, longe da viação ferrea, arredadas das villas, á desamão das cidades, innominadas nos cartazes de reduzidos da época balnear, a «praia obscura» é a terra de promissão para os trabalhadores do cerebro, para os exgottados da vida mundana, para as pessoas de gosto, para todos quantos lendo uma pagina, ouvindo a instrumental do Mar, gozando-se da téla d'um pôr de sol, se considerem sobejamente acompanhados e felizes, para os que não precisem de pedir á vida e á presença dos «outros» a razão de ser da sua vida.

Assim perdidas num cotovêlo de concelho extremo — Espozende, Gaya ou Feira —, encobertas com uma umbêla de castanheiros ou um tunel de eucaliptus, a praia obscura offerece desde logo no trajecto ao seu accesso um encantamento, um imprevisto de pittoresco e de poesia que as suas irmãs adultas, e casadas com o réclamo, não sabem proporcionar.

Pequenas como são, prendem, teem o agrado da infancia, unica época da vida que possui imprevisto e originalidade.

Depois que a creança entra a pentear-se por suas mãos, a tirar o retrato fóra do côlo da ama e das andinhas do grupo dos projenitores; depois que a povoação entra a assediá os seus socalcos, a agitar a cabelleira das suas arvores, e a tirar o retrato para as gazetas ou para o fatal bilhete-postal —, adeus subjugante dominio da innocencia e da sinceridade!

Afortunadamente, ainda ha meia duzia de praias obscuras, notaveis, e por notar.

Ancora, lá ao norte, já perdeu a elegancia nativa do busto, apertando-se no espartilho da moda cittadina, já entrou na sociedade, e vae a corromper-se; mas ainda não estragou o seu ar immáculado de sanatorio para offerecer aos delicados, como ainda não rasgou com burguezas avenidas o album de fototipias dos seus arredores.

Molêdo do Minho, as praias de Vianna, com as ridentes aldeias das margens do Lima garantindo a boa visinhança de gente pobre mas limpa, eram lindos apeadeiros para os nossos mêzes veraniceiros; mas a fama deu com Molêdo que, como a Ancora, Lisboa entra de saltear, e Vianna-Cidade é a maior inimiga — ou não fosse parenta-proxima —, de Vianna-Balnearia.

E' seguir essa estrada carretêra que de Cerveira desce a Vianna —

ESPOZENDE



Paços do concelho

e
rua Veiga Beirão



Cruzeiro



Escola
Antonio Rodrigues Sampaio
— Salva-vidas



Espozende. — Monumento
a Antonio Rodrigues Sampaio
— O forte — No Cavado



Ponte sobre o Neiva
Limite natural dos concelhos de Vianna
e Espozende

trecho incomparavel de paisagem em Portugal e até no mundo. Uma fita de costa, que a agua rente, encostada a rechan do monte, sementeiras no areal da margem, cruzeiros de moinhos de vento a abençoar os altos, leva-nos sem sobresaltos, nem subidas por esse pacificante litoral num embebecimento, feito da harmonia da luz, da planura do terreno, da ex-

tensão do piso e do horizonte. Céu e agua esmaltados d'esse azul dos olhos francezes parecem não se descontinuar, prolongando-se e seguindo-se um ao outro no disco do horizonte; o ar salino e bravo da costa temperado pelo ar quebrado da serra; a renda da agua beijando-nos as rodas dos vehicu-

los, atrevendo-se além a salvar para a estrada, recuando com o pavor talvez de deixar as suas malhas delicadas debaixo do peso do automovel; o vermelho dos trajes das mulheres dos campos de Vianna a afofeguar os longes, num são contraste com a indecisão suave da manhan —, é um fragmento da mais linda tela de que olhos de portuguezes se podem envaidecer e gozar-se.

Pois é tomar essa estrada, em sentido descendente, de Caminha a Vianna, inflectir para S. Paio e Espozende, e ahí se nos offerecem nada menos de duas praias obscuras — a de Espozende salvando o Cavado, num vasto estuario, protegido por dunas de areia pura, e a de Fão, a que leva um córte de som-

bras de pinheiro no termo do qual sita a *plage*, destemida, quasi bravia.

Alliançadas por uma ponte, Fão e Espozende, recortadas de montes, com campos molhados d'agua, avistadouros que vão desde as areias poveiras ao monte de Santa-Luzia (Vianna do Castello) e desde Palmeira de Faro ao dorso da Fervença, ambas dispõem de idyllicos refugios, servidos pelo pedaço onde o Cavado é mais inspirado, os salgueiros e choupos das margens mais suggestivos. E' o *Marachão*, com as suas lagoas de nenuphars, authentica chromotypia, é a *Barca do Lago*, Gemêzes, peregrinações de paisagens, ninhos, fugas, serenatas.

Um tunel de ramosos pinheiros, o velho e sempre novo caminho, dá de Fão para a aberta enseada da Apulia, tão obscura que jamais pincel de pintor português surpresou o perfil do sargaceiro colhendo a *Flôr de maio* ao correr d'uma maré.

Talhada languidamente em anfiteatro a Apulia sobe do mar á serra numa serie de planos.

O primeiro plano é o mar, um mar de saphira, um nata de lago, translucido e manso que só carrega o semblante quando a borrasca o altera; no segundo plano, areal por onde botes cochilam a preguiça dos que esfalfados do mar só vêem a terra refazer-se do somno.

Normal á curva liquida, em carreira como construcções no caes d'uma bahia, formando ruas para onde deitam outras portas, casetas de tecto palhiço guardam o arsenal do sargaceiro. Para o norte e para o sul, a areia alteia em amurada de bateria, d'onde pacíficos pannos de moinho acenam armistícios á fome.

Pelo terceiro plano rompe um kilometro de estrada que liga á Apulia-Velha a Apulia-Nova, construida esta sobre terreno conquistado ao mar pelo assoramento do Cavado, e que se accomoda entre as areias do segundo plano e a bôca d'esse caminho que vae ter ao empalme da Povoia.

Pannos de fundo, ultimo plano, pinhaes no vale, e, na serra, Santa Luzia ao norte, as Marinhas, Palmeira, Fão cá na chan, e outra vez mais acima, Gemêzes, o branquejamento do Sameiro, Paradella e Laundos, todo o desaffogado scenario que fica entre estes dois reguladores: Vianna e a Povoia de Veracini.

Que o mar já outrora passeou para lá da Apulia-velha dil-o o substratum de gódos que por qualquer côrte de terreno se encontra, como no lanço da Povoia, sobretudo nas alturas d'Estella; dizem-no os olhos marinhos, communições com o mar por infiltrações; e que ella é, de feito, uma sobrevivencia d'antigo e averiguado porto romano, dil-o o seu nome de baptismo que querem lhe haja sido dado pelos romanos para preitar o nome da sua Apulia d'elles; dil-o o perfil e guarda-roupa do sargaceiro, mineiro do Atlantico que, sem perder a costa de vista, sem se afoitar a mais de vinte ou trinta metros da praia, extrae n'um mez o pão para todo o anno.

Que o sargaceiro, mixto de lavrador e de marítimo, é afinal um cavador que do leito arenoso saca o seu sargaceiro como do seio da terra colherá amanhã o bôlbo feculento que a boa Mater lhe multiplicou.

E' mais um importador que um pescador.

Os seus depositos são o Atlantico, lá para o *Goolf-Stream* onde revoluteia o «mar dos sargaceiros» bem familiar aos nauticos. Os grossos temporaes, rolando as camadas oceanicas, desagregam grandes massas de argaço que, trazidas pelas ramificações das correntes do *Stream*, vêm dar á nossa costa, sem que o sargaceiro gaste cinco réis nesse longo transporte transatlantico da sua carga.

Uma d'essas ramificações qualquer atira para o regaço da Apulia com densos rôlos de sargaceiro, sempre depois de temporaes, especialmente pelas trovoadas de Agosto e Setembro.

E enquanto não entra o vapor — as borrascas de Maio ou o trovão d'Agosto — elle fica pelo campo, desinteressado do mar.

Chega Maio.

Renta, então, a praia e sem se afadigar, sem brigar como os pescadores na partilha do mar, um ou outro, mais precisado ou mais poupado, enfia a *brinqueta*, põe a *ganchorra* ao hombro e vae pentear as algas para cima de uma jangada.

ESPOZENDE



A Barca do Lago



Marachão

gas da *brinqueta* ondeadas pela marcha, é vêr a sombra d'um soldado romano.

A *brinqueta* é uma sobrecasaca de lã grosseira, cingida ao busto como uma farda, terminando no pescoço por uma hirta gola d'uniforme e abrindo — da cintura ao joelho, onde termina — em farta roda, como um redingote de 1820.

Sem calças, sem camisola, a *brinqueta* extreme no corpo e apertada por cinto de couro notavelmente largo, cuja fivella é um argolão de ferro, na cabeça um *suêste*, um chapéu mole ou mesmo uma carapuça, o sargaceiro está muito longe do póveiro, do sanjoaneiro, do ovarino, de cujo misero aspecto, encolhido e andrajoso, o distancia e destaca aquella roupagem quasi marcial.

A *brinqueta*, indubitavel deixa dos primeiros povoadores d'Apulia, nunca podia ser o traje d'um pescador, d'um marítimo, assim rodada e justa ao busto. E a propria náu em que elles apanham o

sargaço está a dizer que aquillo não é gente que viva no mar e que do mar espere mais do que d'essa ajuda fortuita d'um vapor que, escouceado pelos *Cavallos de Fão*, dê á costa caixas de marrasquino ou fardos d'algodão.

Se é uma embarcação, é uma embarcação pequena, um bote quando muito; mas o seu cavallo de batalha, é a jangada. E ainda não é a jangada d'Ulysses, abatida do robe centenário pelo machado mythologico. E' um estrado composto de fleiras

de dois ou três pequenos rôlos de casca de sobreiro, cilindricos como cortiços d'abelha, dispostos em três faxas longitudinaes e paralelas, contidas lateralmente por duas taboas, e o todo atravessado por dois toros de pinheiro que deixam para pegas as extremidades excedentes. Outras teem um rodado como carros tóscos de jardim, indo para a agua com rodas e tudo. Vê-se bem que não é nau para grandes tormentas.

O sargaceiro salta á borda d'agua, empurrando a jangada com o pé, ao embarcar, e deixa-se levar pela voluntariedade da vaga, sem se importar para onde, porque todo o seu cuidado é começar desde logo a esgravar o argaço nas areias.

Sem rémo, sem leme, valendo-se da propria vara da *gravêta* se quer nortear-se, de pé, nem o declivoso dorso da onda nem o embate da jangada nos penedros, o desequilibram.

N e m



Fão. — Hospital-asylo de S. João de Deus

APULIA

olha para o céu, nem para a terra, nem para a náu.

O pescador está sempre de olho na rede e coração no barco. O sargaceiro não; todo elle é um motor da graveta.

E, como ao pescador, não o apoquentam a falha. Vivendo da terra tanto ou mais do que do mar, o sargaceiro não se rala, não vae requerer os elementos como o pescador.

Não ha sargaço?

Já houve. — Tornará a haver!...

Pelo primeiro sol da manhã ou pela agonia da tarde, de quando em quando, maio adiante, lá corre pela praia uma sombra crême: é o sargaceiro, que a illusão da perspectiva e o talho da *branquêta* engrandecem, esticando-o até a estatura de homem d'outras edades.

D'ahi a segundos, Hercules está exhumando da ondina as algas maiores — a *Flôr de Maio*, — cuja cabelleira os dentes de ferro do monstruoso pente da *graveta* desnastram á luz, pingando perolas que tornam a cahir, como lagrimas de estrellas, no côlo azul do mar.

Como o pescador do Sena que tem sempre a seu lado a companhia d'um *mirone*, o sargaceiro da Apulia nunca está só; quando elle amergulha a *gaiteira* na massa liquida, já outro sargaceiro, convocado pelo cheiro do sargaço, corre para a baba da onda, os dentes do ancinho gesticulando ameaças ás algas na longa vara flexivel, presto a colhêr a *Flôr de Maio*.

Mas, dous, três, mesmo uma duzia de sargaceiros que as desordens de maio embarquem nas jangadas, leves como folhas enconchadas de nenuphares, todo esse recrutamento de pescadores da *Flôr de Maio* não é sequer um ecco, um rastro da legião que as trovoadas de agosto conclamam á praia.

Quando apparece o sargaço, que um o vê, este põe-se ao largo, e d'ahi a pouco a Apulia despovoa-se, entra n'agua até o pescoço e, mesmo de pé, sem uma taboa de jangada, vão enganchando o argaço, como quem anedia a terra d'um canteiro com os dentes d'um ancinho, varrendo-o para secco, recuando para terra, até o depôr aos pés da areia.

Homens, mulheres, creanças, velhos, novos, tudo trabalha, tudo ajuda, tudo entra n'essa comparsaria febril de labor costeiro, numa solidariedade de povoação rural a braços com um incendio.

Num ardor de construcção para certamen ciclico, balizas subitas delimitam a areia; e essas balizas, dentro das quaes se movem os sargaceiros da mesma familia, a cada lanço de *ganchorra* vão accrescentando a prosperidade de novos andares ás suas tulhas d'algas, de limos, de toda a polychromica familia do sargaço, lucilando, crepitando como um rescaldo de matizes.



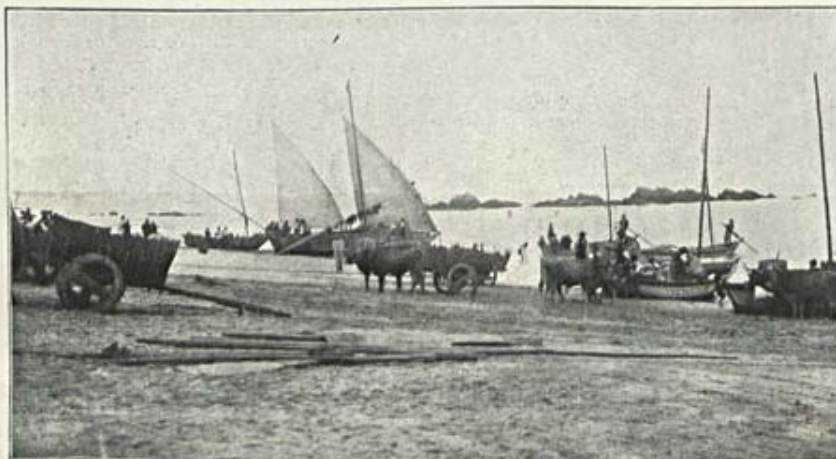
A enseada limitada pelos moinhos

ao quadro de costumes, por onde formiga a escrava minhota; saem sargaceiros á agua, voltam outros segurando as *gravetas* pelos bordos dos dentes á guisa de taboleiros, repletos de r ma colorida que arrasta pela praia, como bandejas de flôres.

E a breve trecho, toda aquella toalha d'areias d'oiro fica alcatifada d'uma cobertura chromatica d'argaço, de limos, d'algas verdes-mar, lilazes verdes-escuro, que disfarçam o sólo do seu matiz riquissimo e inundam o ar do cheiro ácre do iodo.

A praia extensa desde logo se acanha para trapiche d'essa industria extractiva que a grande percentagem de phosphoro e de potassio tornam, depois de secco, um precioso adubo.

Por toda a Apulia, desde os tectos palhicos aos cunhaes da Apulia-velha, pelos caminhos, pela estrada, pelos campos, o sargaço annuncia a sua presença fecundadora, desde as portas das Necessidades, onde já se sente no ar um franco, activo cheiro, que não é bem o da maresia mas sim do argaço, seccando em



Apulia. — Carros de bois carregando «Pilados»

médias ao ar livre, prometendo fertilidades á terra.

As tardes de desembarque do *pitado* (caranguejo), com o seu tumultuar de carros de bois, metendo meia roda n'água, para as embarcações — ainda de vêrga ao alto e vela já arreada — vararem o lastro, são uma miniatura mesquinha a par d'essa apanha de sargaço, durante a qual a Apulia, do seu natural tam só, tam poeticamente melancólica, fica negra da gente e mostra a sua energia populatória, que augmenta ás duzias como os caranguejos.

Sobrios, dignos, sem saber o que é pedir esmola, os povos da Apulia teem no sargaço uma obscura fonte de riqueza, havendo tardes em que essas folhas viscosas que coloram a areia valem contos de reis, como ha lavradoresinho que só do argaço faz, por anno, para cima dos seus seiscentos mil reis, sobre os quaes a fazenda não estende a garra leonina.

São as tardes grandes, as tardes fartas d'Apulia em que o mar junca d'ouro a terra exangue, como se a cheia d'uma levada em furia expellisse os despojos da caudal depois de haver rebentado e trazido na enxurrada os jazigos d'uma mina! tardes em que a pequenez e a obscuridade da Apulia se vingam na grandeza e na tipica originalidade d'um quadro de costumes que dá vontade de perguntar, com a mesma tristeza de Antonio Nobre:

Onde estão os pintores do meu pais estranho
Que têm tudo isto e não vêem pintar?

Negra da multidão dos argaceiros, a Apulia, porém, não se intromette com quem passa ou com quem ás suas aguas polychromas vae varanear.

Tem-se a mesma estimavel independencia que entre a povoação britannica de Lavadores, outro lote de areia obscura que, p'ras bandas do Cabedelo, se distingue da Foz-do-Douro pelo seu perulustrado isolamento e pela bravêza wagneriana do seu mar.

Nem rumores de trens nem timbres de viação electrica nem apitos de locomotivas, nada, nenhum êcco das *saladas russas* dos meios de transportes.

Uma que outra fabrica, longe do nucleo bahnhista, grandes muros de habitações privadas, ausencia de hotel e de *panamás*, um resumo de mansão.

Solidão de ilha, mar biscainho, torres de espu-ma, um trecho de Wagner ao natural — eis Lavadores.

Um bote de qualquer linguêta de Sobreiras ou da Cantareira deixa, por quaesquer quatro vintens, duas ou tres pessoas nas areias de Santo André do Canidelo, a um instante de bom ar alcançado de Lavadores, sem a necessidade do sumptuoso coche por Villa Nova, numa volta pittoresca, sim, mas enorme.

Das tres praias obscuras de Gaya, Lavadores é a unica que tem a felicidade de conservar intacto o seu nativo dote de simplicidade, que quant'ê Valladares e Aguda essas já vão a se entrájar á moda da cidade, e a querer hombraer com a sêcia Granja.

Lavadores por enquanto, tem o bom senso de não dispôr de hoteis; e, como quem quer ir para lá aluga casa, não lida com essa gente vagabunda sem domicilio certo que tanto está no *Hotel dos Estrangeiros* do Boulevard des Capucins como em qualquer praia do Estoril ou de Cascaes.

Por enquanto é uma mansão onde se vêem apenas cortinas de cassa branca e trepadeiras de rosas chá emoldurando as janellas como frestas de invisi-veis monjes.

Pelo sul abaixo só se torna a encontrar coisa que se pareça, mas que se lhe não éguale, no Furadouro, a poucos kilometros de Ovar, aligeirados por uma das mais formosas estradas cobertas de eucalyptus.

Baleal, (p'ra Serra d'El-Rei) e as mesmas praias de Peniche estão aqui estão corrompidas pelo caminho de ferro.

Bem diz Schwalbach, a proposito de não me lembro já que emprêgo d'elle que d'uma sinecura se tornou em occupação trabalhosa:



Um aspecto de Apulia na apanha do sargaço

— Em Portugal estraga-se tudo quanto é bom!

Agora até caminho de ferro, por a minha querida Peniche!...

Joaquim Leitão.

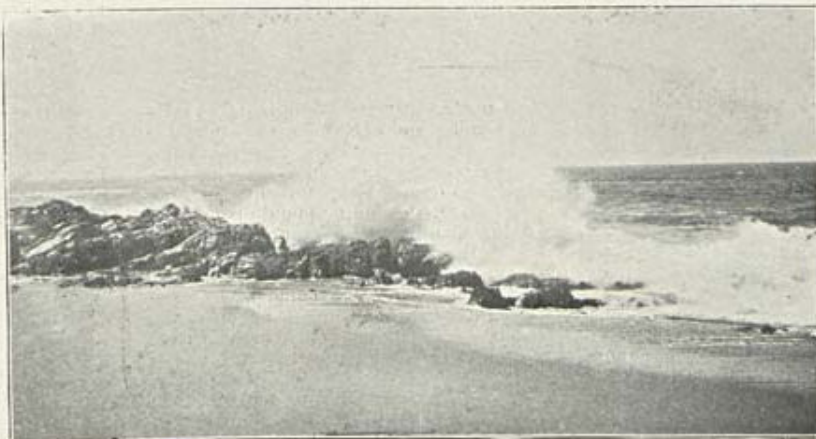
Velha usança da côrte da Prussia

No dia do casamento de qualquer princeza, depois do grande banquete offerecido pelo rei ás mais altas personagens da côrte, uma dignitaria, a quem compete este serviço, approxima-se da noiva, ajoelha aos seus pés, tira-lhe as ligas, corta-as em bocados e distribue pelos convidados, como

preciosa recordação do dia, cada um daquelles pedaços.

Antigamente, era a propria princeza quem fazia todo este ceremonial. A noiva do Kronprinz mandou bordar, para este fim, umas preciosas ligas com o seu escudo muitas vezes repetido, para que em cada pedaço pudesse ficar um.

O amor que se sente está todo na pessoa que ama; a pessoa amada não é mais do que um pretexto. — Alphonse Karr.



Diversos trechos da Apulia



Lopes de Mendonça no seu gabinete de trabalho

EM CASA DOS ARTISTAS

Henrique Lopes de Mendonça



rande como poeta, dramaturgo e prosador, o illustre academico de que hoje me occupo é d'uma modestia inegualavel. Este sentimento, n'elle, emana, não do desconhecimento do proprio valor, mas do seu temperamento timido e retrahido. Porém, desde que pôe de parte este seu encommodo attributo, n'uma voz que tem todas as sonoras modalidades do mar, encantamos na conversa, não só pelo seu espirito reflexivo e justeza de observação, como pelo seu saber, discreta e conscienciosamente accumulado.

Vi-o pela primeira vez n'uma sessão solemne da Academia Real das Sciencias em que elle leu, se me não falha a memoria, o elogio de Pinheiro Chagas. O seu nome, que de mistura com farta copia de encomios, me ficara no ouvido desde creança como o de um triumphador, ligado ao monumental successo do seu *Duque de Vizeu*, era já então para mim o d'um escriptor predilecto. Mais tarde, quando pessoalmente o conheci, tive occasião de o apreciar melhor. Algumas vezes pedi e segui o seu conselho e foi-me dado observar de perto e perfeitamente esta grande figura contemporanea.

Uma vez — lembra-me ainda com riso — assisti na redacção dos *Serões* a uma scena verdadeiramente impagavel. Um auctor desconhecido expunha-lhe o assumpto d'um artigo e com ar pedantesco e fatuo indagava de Lopes de Mendonça em que estylo o queria. Elle tinha muitos ao seu dispôr, mas parecia-lhe que o melhor seria um estylo muito leve... levesinho; podia no entanto escolher-se o grave ou um intermedio, se preciso fosse. E tudo isto com uma pompa e copia de imagens retumbantes que Lopes de Mendonça olhava-o attonito, quasi sem atinar que responder. Cem annos que eu viva não me esquece a attitudo d'aquelles dois homens; e se soubesse servir-me victoriosamente do lapis, te-la-hia por uns traços confiados ao papel. Eu mordia furiosamente os beiços para não rir e o colleccionador de estylos variava a pergunta pela terceira vez, quando enfim o grande dramaturgo, sahindo do seu pasmo, lhe respondeu:

— Aquelle que V. Ex.^a quizer e lhe parecer melhor.

Lopes de Mendonça acompanhou-o á porta e, quando voltou a sentar-se no seu lugar sem proferir uma unica palavra, a sua physionomia expressiva estava ainda sob a extranha impressão da exotica visita. Então não pude mais e ri até ás lagrimas. Elle, vendo a minha desacostumada hilariedade, sorriu tambem, mas benevolmente. Foi tudo. Teve a caridade de não me dizer o nome do visitante, que eu tambem não perguntei por um explicavel melindre.

Fallo d'este caso para provar que Lopes de Mendonça é tão naturalmente modesto que pôe completamente á vontade os que se lhe approximam: e a tal ponto que este illustre desconhecido tinha — era visivel — a intenção de brilhar a seus olhos. O pasmo que o grande escriptor não soube disfarçar completamente, deve te-lo lisonjeado immenso. Que desillusão se podesse ter lido os pensamentos que elle não formulou, mas decerto teve!

A estreia litteraria de Lopes de Mendonça fez-se com a comedia n'um acto *A Noiva*, representada pela primeira vez no theatro de D. Maria em 9 de fevereiro de 1884 e que teve do publico o mais lison-

jeiro acolhimento. Dois annos depois, no mesmo theatro, a gloria coroou definitivamente o seu nome. A representação do drama em verso *O Duque de Vizeu*, que em concurso obteve o primeiro premio e lugar, foi um verdadeiro triumpho. De então para cá a sua obra theatral tem ido avolumando de anno para anno, mantendo-se sempre á altura a que o entusiasmo do publico elevou o auctor. Destacam-se n'ella, como principaes estrellas de formosa constellação, *Affonso de Albuquerque*, *Nô Cégo*, *A Morta* e *A Estatua*, que Leandro Braga encarnou no marmore com felicidade e mestria e o publico pôde admirar em exposição no palacio do marquez da Foz.

Como modelo de singeleza e graciosidade, o *Nô Cégo* é do melhor que tenho visto no genero: o seu entrecho, baseado no erro da indissolubilidade do matrimonio, evidenciando por sabio e curto ataque a pouca veracidade de algumas maximas christãs, é d'uma logica esmagadora, e tão nitida, tão naturalmente expressa e dirigida, que ninguem, lendo-a ou vendo-a desenrollar em scena, encontraria que lhe oppôr.

Qual será a mulher a que não agrade pegar em perolas, voltá-las uma a uma nos dedos, admirá-las, estudando-lhes as perfeições, gabá-las e encerra-las de novo no escritorio, onde de espaço a espaço o olhar, avido de sensações gratas, as vae buscar para voltar a admirá-las n'um enlevo sempre novo?

Os trabalhos de Lopes de Mendonça são perolas. Miram-se e remiram-se e fica-lhes sempre ainda muito que ver e admirar. De todos elles não seria inutil, nem para mim, nem para o publico, fazer um estudo consciencioso, apontando as bellezas, os rendilhados, os pensamentos, seus mais altos primores, desvendar-lhes as intenções e seguirmos na esteira de ideias e raciocinios, que os seus themas nos sujeitam á observação. Infelizmente não tendo tempo nem follego para tão subido emprehendimento, limito-me a transcrever aqui a apreciação que ha mezes fiz da sua ultima obra dramatica *O Azebre* cujo successo foi ruidoso.

«Lopes de Mendonça, o inspirado poeta e dramaturgo que todos tão justamente apreciam, tem na nova peça mais uma glorificação do seu notavel talento.

O thema que escolheu é cheio de verdade.

Fidelio, um artista musical de subido talento, procura na baixa bohemia o esquecimento, ou antes a mitigação das suas dores moraes. Uma noticia inesperada que o inebria das mais suaves alegrias, chama-o de novo á paz e ao conforto do lar. Mas era tarde. Sente-se deslocado alli. Só o berço do neto estremecido consegue prendê-lo; mas é tão fragil a prisão d'um berço contra as fortes tentações que a bohemia da Mouraria, encarnada n'uma mulher perdida, lhe sug-



Lopes de Mendonça na intimidade

gere continuamente que, ao mais pequeno e justo reparo que o genro lhe faz, volta á sua antiga miseria. O heroe da peça seria um bom, um delicado, talvez um grande pelo talento, se tivesse sido comprehendido. Sente-se n'elle uma alma que soffre, mas é um fraco, e esses temperamentos assim não reagem quando feridos moralmente;

Dois brasileiros illustres em Lisboa



Drs. Joaquim Murtinho e José Carlos Rodrigues

A bordo do Araguaya passaram por Lisboa, em transito de Bordeaux para o Rio de Janeiro, os srs. drs. Joaquim Murtinho e José Carlos Rodrigues, dois brasileiros illustres que tem prestado assignados serviços ao seu país.

O sr. dr. Joaquim Murtinho é um medico e um estadista notavel e foi ministro da fazenda no tempo da presidencia do dr. Campos Salles. O sr. dr. Carlos Rodrigues é um jornalista brilhante e o proprietario da importante folha do Rio de Janeiro — o Jornal do Commercio.

procuram no alcool e na lama o esquecimento e descem, descem sempre até acabar n'um hospital ou morrer á esquina d'uma rua.

Lopes de Mendonça não levou tão longe o seu bem estudado personagem. Fa-lo voltar á bohemia e, tendo provado o poder do vicio n'aquelles que uma vez o contrahiram, para ahi.

A casa da filha não é para Fidelio um meio acariciador e muitos não comprehendem a razão porque o auctor a pintou assim; o contraste seria mais frizante, mais theatral, mas menos verdadeiro. Um pae que sae da Mouraria tem aos olhos dos filhos qualquer cousa de deprimente; depois, o seu principal mal vem d'elle proprio; são as circumstancias e habitos que não corrige, esperando sempre que os outros se corrijam, que é o que é humano.

O que lhe torna a vida insupportavel é não se adaptar á vida de sala com todas as suas mesquinhas, pela mesma razão de que o vicio que o subjugou não lhe impõe, fóra d'alli, encommodos disfarces. — E' a vida em toda a sua triste realidade.

Agora fallarei do poeta. A poesia é uma das mais bellas formas d'este poderoso talento. Ultimamente Lopes de Mendonça publicou *Lux Perpetua*, uma encantadora ecloga á memoria de D. João da Camara que, se não tivesse os merecimentos proprios que todos lhe reconheciamos, bastaria por si só a eterniza-lo. D'esta ecloga transcrevo, como amostra para os raros que a não conheçam, o soneto da



Dois brasileiros illustres em Lisboa. — Os srs. dr. Rodrigues e Oscar Teffé, 1.º secretario da legação do Brasil

Rosa Engeitada, um dos melhores e mais bellos trechos d'esta obra de saudade e luz, com que um poeta, exuberante de alma e talento, corôa o companheiro, prostrado a meio caminho da vida.

A Rosa Engeitada

Enlameei no sordido bulicio
Da cidade meu corpo adolescente,
E minh'alma arrastei pela torrente
Tenebrosa e mephitica do vicio.

Mas n'este lodo infame um só resquicio
De amor achou teu coração clemente;
Transformaste a faúlha em lava ardente,
Toda me depuraste em sacrificio.

Os borbotões do sangue que resalta
Da minha chaga horrenda, o acerbo pranto
Que os olhos cega e minha dor exalta,

São joias puras de perpetuo encanto,
Com que a piedade humana adora e esmalta
O teu diadema de poeta e santo.

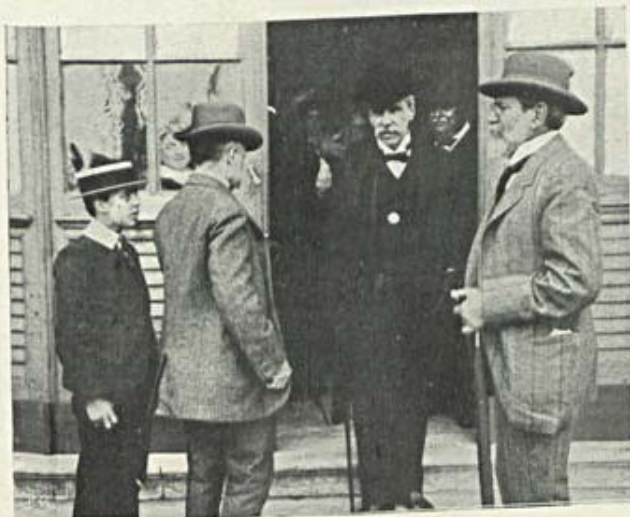
Professor de historia na Academia de Bellas Artes, preocupado com os discipulos que elle ama como os poetas sabem amar, escreveu a *Historia de Portugal contada aos pequenos portuguezes*, livro soberbo que todos os paes deviam pôr nas mãos de seus filhos.

Não sei, digo-o em consciencia, qual das facetas d'este grande talento prefira, tão deslumbrante elle é. Se admiro os seus dramas e comedias, amo loucamente os seus versos e, como o raciocinio me diz que as mulheres se guiam e escolhem sempre pelo coração, supponho que são estes que prefiro. Mas... não sei.

Saudando d'aqui o eminente escriptor, tão querido do publico, terminarei dirigindo-lhe como prophecia as suas proprias palavras:

Na alma dos portuguezes, meiga e triste,
Poeta meigo e triste, viverás.

Maria O'Neill.



Dois brasileiros illustres em Lisboa. — No Arsenal Os srs. drs. Murtinho e Rodrigues com o sr. dr. Costa Motta, ministro do Brasil em Lisboa



Dois brasileiros illustres em Lisboa. — A familia (Clichsé de J. Benoitte). do sr. dr. Carlos Rodrigues

Uma recita de amadores no Theatro Pinheiro Chagas, das Caldas da Rainha



O grupo que entrou nos côros do «Pobre Valbuena»

Da direita para a esquerda: Em cima: José Perestrello de Mattos, D. Helena Cymbron, Guilherme de Amorim, D. Alzira Raposo Botelho, Fernando Correia e Rodrigo de Sotto Mayor Diniz;

Em pé: D. Maria Luiza de Aguiar Ambar, D. Gabriella Cohen, D. Ophelia Raposo Botelho, D. Thereza de Almeida Bello, Luiz da Veiga Ottolini, D. Marianna de Castilho, Francisco Alvim Caldeira, D. Luiza Xavier de Almeida, D. Leonor Avellar de Aguiar, D. Suzanna Horta e Costa, Concelino da Costa e D. Maria da Glória Horta e Costa;

No chão: Bartholomeu Perestrello de Mattos, Antonio de Queiroz Andrada Pinto e D. Emilia de Almeida Bello.



Uma recita de amadores no Theatro Pinheiro Chagas, das Caldas da Rainha. — O grupo que entrou nos côros da «Alma de Dios»

Da direita para a esquerda: Em pé: José Perestrello de Mattos, D. Helena Cymbron, Carlos Cabral Parreira, D. Maria Luiza de Aguiar Ambar, D. Maria da Glória Horta e Costa, D. Marianna de Castilho, Fernando Correia, D. Thereza de Almeida Bello, D. Suzanna Horta e Costa, Bartholomeu Perestrello de Mattos e D. Alzira Raposo Botelho.

Sentados: Concelino da Costa, D. Ophelia Raposo Botelho, D. Luiza Xavier de Almeida, Luiz da Veiga Ottolini, D. Leonor Avellar de Aguiar, Antonio de Queiroz Andrada Pinto e D. Emilia de Almeida Bello.

(Clichs da Phot. Parisienne. — Caldas).

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Um canhenho que não dá nada. Quinzena morta. Ella só foi propicia ao jornalismo politico. Parlamento, fallas de numero, pedidos de contagem, orçamento, projectos, projectinhos, projecticulos. Encerra-se a sessão e começa a calmaria podre. A questão ultramontana não dá nada. Aconselha-se a intervenção do empresario Segurado como homem de imaginação e recursos. — A descoberta do polo. Cook, Peary, gelos, phocas e ursos. Embrulhada e barafunda medonhas. Uma anedocta.



Consultando o meu interminavel canhenho, onde dia a dia vou tomando apontamentos do que se passa entre nós, debalde procuro notas que me deem assumpto para uma chronica da quinzena que está a findar. De coisas minimas não cura o pretor, diz-se. Applicando *el cuento*, como dizem os nossos visinhos, não são as coisas minimas que servem a quem tenha por dever encher uma pagina de publicação da indole e intuitos do Brasil-Portugal. O frivolo só em condições excepçionaes é valorisavel. E as frivolidades d'esta quinzena não reúnem nehumas condições de exito para uma exploração litteraria. Outro tanto não direi da exploração politica, a que essas frivolidades se teem prestado em larga escala, fazendo as delicias dos srs. articulistas das gazetas de opposição, que nunca abicharam um verão como este, prodigo de acontecimentos politicos, tendo-se em vista que entre nós é acontecimento politico tudo o que vae desde a queda ou ascensão de um ministerio até á approvação da verba de sete mil e quinhentos para o concerto do sino da parochial de Fanhões.

Sim, senhores. O jornalismo politico teve em agosto e setembro o seu S. Martinho. Elle foi o excellente ensejo de dar remoque no governo por abrir o parlamento em época tão impropria; elle foi a falta de numero para o funcionamento regular das côrtes; o pedido de contagem alli por volta das seis horas da tarde, desmanchando egrejinhas laboriosamente edificadas; o orçamento que pela milioesima vez foi alcunhado de burla pela opposição e declarado a oi-

tava maravilha do mundo pela maioria; as reformas, reforminhas e reformecas d'isto, d'aquillo, e d'aquell'outro, exaltadas por uns e condemnadas por outros; as prorrogações de sessão; a famosa questão ultramontana que, como a *Alma de Dios*, constitue o grande successo politico da época... Eu sei lá, meu Deus! Um nunca acabar. Tiveram assumptos em barda, para dar e vender, desde os que dão substanciosos e somnolentos artigos de fundo, afirmando que no horizonte ha prenuncios de borrasca que tudo vae subverter, até aos que dão azo a grandes parangonas á largura de toda a pagina com algarismos, piadas grossas e transcripções de trechos de velhos, artigos e opiniões de homens publicos em briga com a sua attitudo de agora.

Mas se não ha fome que não dê em fartura, não ha fartura que



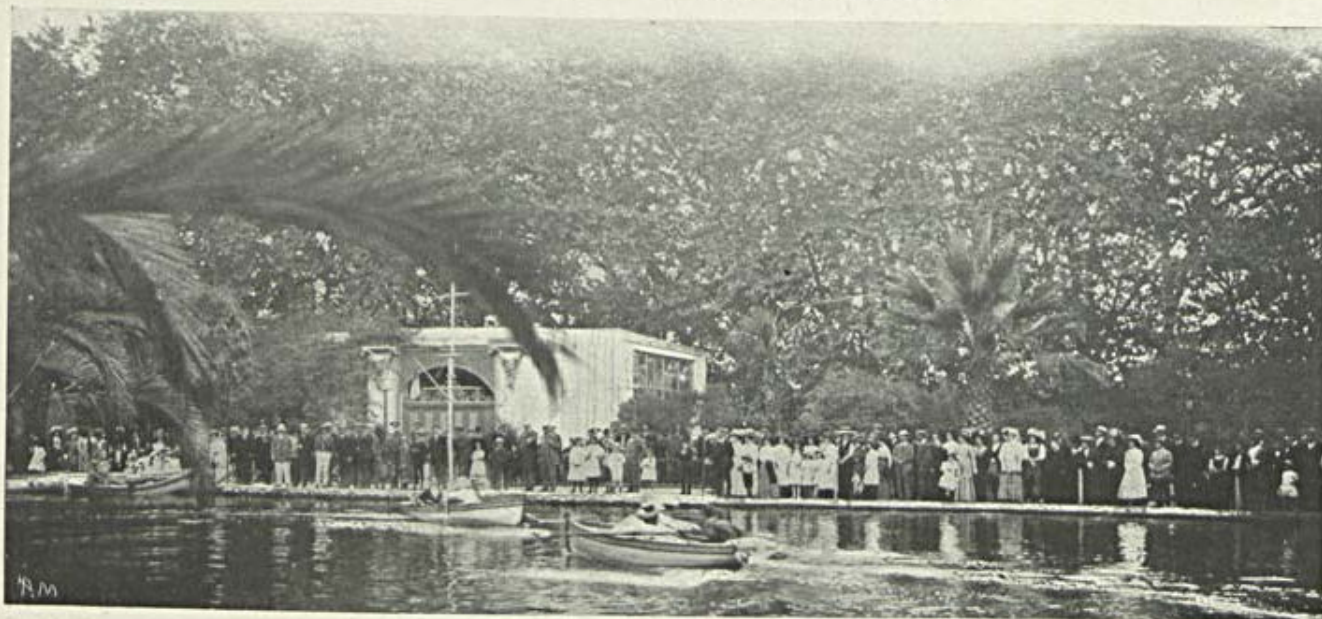
Uma recita de amadores no Theatro Pinheiro Chagas, das Caldas da Rainha
As gentilissimas e sympathicas señoritas Carmen, Angeles
e Remedios Santos Silva Montesino y Espartero que exultaram os bailados hespanhoes



Uma recita de amadores no Theatro Pinheiro Chagas, das Caldas da Rainha
As sr.^{as} D. Margarida de Aguiar e D. Joanna Cymbron na comedia de Paileron — «Durante o baile»

(Clichés da Phot. Parisiense. — Caldas).

Nas Caldas da Rainha



As regatas no lago. — A partida dos barcos remados por mademoiselle Julia Castilho e mademoiselle Adelaide Castilho

não dê em fome. O parlamento encerrou-se no dia 22. Lá foi na tarde d'esse dia o sr. conselheiro Wenceslau de Lima dizer aos paes da patria, em nome de El-Rei, que podiam ir fazer as suas curas d'aguas ou tomar os seus banhos. Alguns nem esperaram pela régia auctorisação e já nas vespéras haviam partido para suas casas com a consciencia do dever cumprido, a mala, a intransigencia, a chapeleira, um projecto de lei na cabeça e o guarda-chuva debaixo do braço. Fechado o parlamento os nossos camaradas do jornalismo politico vêem estancada a fonte d'onde brotavam os motivos para os seus artigos. Cantavam de papo durante a canícula? Pois dansem agora, pelo outomno.

E' verdade que ainda ha o recurso da chamada questão ultramontana que a inconsciencia de alguns quer transformar n'uma perigosissima questão religiosa. Mas ou porque o bom senso prevaleça n'este caso ou porque ella, á força de explorada, já não commova a opinião, o certo é que esta não se mostra interessada pela palavra inflammada dos liberaes, quer ella corra de serra em serra pelos comícios sertanejos, quer deslize, negra e silenciosa, pelas columnas das folhas radicaes.

A crise de novidade é medonha e no meio do geral desanimo ainda é o sr. Segurado, empresario da praça de touros de Algés, quem mostra ter alguns recursos de imaginação, arranjando numerosos sensacionais para as suas phantasticas corridas que tanto enthusiasmam a população alfacinha. Esse, sim! Esse nunca se vê em apuros em materia de inedito. Tem recursos como poucos. Ai da reacção se um dia elle lhe apparece pela proa como adversario! Então, sim; então o ultramontanismo veria uma bruxa. Eu, no caso do sr. dr. Miguel Bombarda (liberal) já o tinha interessado nos espectaculos da Liga Liberal. O exito seria seguro. Era um negocio certo. E ainda sou levado a crer que se o sr. dr. Bombarda (psychiatra) o encarregasse da vigilancia dos internados de Rilhafolles, que sua excellencia tão liberalmente dirige, a ponto de todos elles gozarem a liberdade de saltar o muro do manicomio e virem cá para fóra no uso pleno dos naturaes direitos de cidadãos da Malucolandia, os pobres doidos nunca mais se permitiriam o goso de se aquecerem ao sol da liberdade.

Attribue-se ao sr. Arthur Ferevereiro, quando foi da ascensão dos regeneradores-liberaes ao poder, esta phrase: «a administração pu-



Nas Caldas da Rainha. — As REGATAS NO LAGO — No primeiro plano a canôa remada por mademoiselle Joanna Cymbron e mademoiselle Ignez Pereira, tendo como timoneiro o sr. Vicente Cymbron. No segundo plano a canôa remada por mademoiselle Margarida Cymbron e mademoiselle Ophelia Raposo Botelho, levando como timoneiro o menino Pedro Cymbron.
(Clichés da Phot. Parisiense. — Caldas da Rainha).

Nas Caldas da Rainha



O «raid» hippico do dia 16 de setembro. — No largo do Conde de Fontalva — A partida de tres dos concorrentes

(Cliché da Phot. Parisienne. — Caldas da Rainha).

blica está a pedir João Franco!» Pois eu, convicto como s. ex.^a, direi que tudo isto está a pedir Segurado.

Para fantochadas não ha outro, creiam.

Porque o sr. Cook ou o sr. Peary, ou os dois, chegaram ao polo Norte e entre quatro matações de gelo espetaram um pau com a bandeira norte-americana, vae por esse mundo de Christo um barulho medonho. Foi o Cook, não foi o Cook? Foi o Peary, não foi o Peary? Qual d'elles é intrujão? Serão ambos? Qual d'elles é o benemerito?

Pergunto a mim proprio porque se faz em volta d'essa ou d'essas aventuras tanta celeuma. Que ganharemos nós todos, bichos de dois pés e de quatro, com a descoberta do polo Norte, muito especialmente, agora, em setembro, quando já não se tomam sorvetes?

Leio em jornaes artigos conspícuos que delicadamente me intimam a calar o ignorante bico, pois que, dizem seus auctores, a descoberta do polo Norte abre novos horisontes ás sciencias e é excellente para a geographia, a botanica, a zoologia e não sei se para as nevralgias e a sciatica. Para as dores de cabeça é que não é grande coisa pois, o demonio o jure! até as provoca, graças á serrabulhada em que todos nos vemos envolvidos, quer queiramos quer não, porque o Cook descobriu, porque o Peary também descobriu, porque ambos descobriram e porque talvez nenhum d'elles descobrisse.

Leio também com pasmo, que já nas chancellarias se rosna por causa da posse do polo, havendo pessoas muito entendidas n'isto de chamar seu a tudo que lhe appetça, que affir-

mam que pelo facto de Cook ou o Peary terem espetado o pau com a bandeira americana nos gelos solitários, não se segue que o dito polo pertença aos norte-americanos.

Só me resta ver uma guerra por causa da posse do polo e as potencias mobilisarem esquadras e tropas para a submissão das phocas e dos ursos brancos, intervindo a Liga da Paz com um protesto pro-phoca e pro-urso. Pr'o diabo que os carregue devem ir todos,

polo e descobridores, ursos e phocas, que não nos dando proveito algum ainda por cima nos põem a cabeça em agua.

Já agora deixem-me contar-lhes uma anedota engraçada, a proposito da famosa descoberta.

Uma d'estas noites entrou em um café de Lisboa um sujeito muito conhecido, vestindo sobretudo com a gola levantada. A noite estava realmente muito desagradavel.

Dirigiu-se o cavalheiro a um outro que tomava o seu

café e via as estampas de uma illustração:

— E que me diz você a este frio, hein? A que se deve attribuir isto?

— Ora, a que se deve attribuir! Foi o Cook que descobriu o polo e esqueceu-se de o tornar a cobrir...

CAMARA LIMA.



Nas Caldas da Rainha. — O «raid» BURRICAL

Dois aspectos pouco antes da partida

(Clichés do commendador Jorge de Almeida Lima — amador).

Entre as illustrações que publicámos no nosso ultimo numero figuravam oito que vinham com o nome do seu auctor errado, pois eram trabalhos do distincto photographo-amador e amabilissimo e obsequioso collaborador do «Brasil Portugal» o sr. commendador Jorge d'Almeida Lima.

Nas Caldas da Rainha



*A partida do «pic-nic» ao Conventinho — Aspecto tirado no largo do Conde Fontalva
(Cliché da Phot. Parisienne. — Caldas da Rainha).*

Os cinco dedos das mãos

Um pae tinha cinco filhos.
O mais velho fez-se rachador, o segundo almocreve, o terceiro lavrador, o quarto vendilhão e o quinto moleiro.

Um dia, o pae, vendo-se muito edoso e não podendo trabalhar, foi bater á porta do mais velho e disse-lhe:

— Filho, creei-te e fiz-te gente. Hoje ganhas a tua vida e eu já não posso ganhar a minha. Dá-me agasalho em tua casa.

E o filho respondeu:

— Não posso, meu pae. A casa é pequena e os seus netos mal cabem aqui.

E o velho foi-se á procura do segundo filho, que lhe respondeu:

— Não posso, meu pae. Ainda não tenho casa, e, quando a tiver, ha de ser para a familia que eu crear.

E o velho foi-se em busca do terceiro filho, a quem disse o mesmo que tinha dito aos primeiros.

E elle respondeu-lhe:

— Tenha paciencia, meu pae. A gente que trago a mourejar no campo enche-me a casa toda. Não ha lugar para mais ninguem.

E o velho á saída encontrou-se com o quarto filho que ia pela estrada a vender.

Aproveitou a occasião e disse-lhe aquillo mesmo.

E o filho respondeu-lhe:

— O meu pae não está bom de cabeça. Como quer que o metta em casa, se nunca lá estou? Ao cabo de dias começava a brigar com a sua nora que tem muito mau genio.

E o velho n'uma grande tristeza, saiu da estrada e subiu por um atalho, que ia dar ao moinho do quinto filho.

O moleiro estava á janella emquanto as velas iam andando á roda, mais ligeiras que os braços de uma dobadoira.

E o velho fez aquelle filho o pedido que tinha feito aos outros.

E o filho respondeu logo:

— Ainda bem, meu pae, que se lembrou de mim. Tenho muito gosto em recebel-o em casa. Deus Nosso Senhor tem-me ajudado até hoje, e certamente não deixará de ajudar-me d'aquí por diante.

— Ainda mais te ajudará, filho.

Depois mostrou-lhe a mão aberta e disse:

— Vê: são cinco dedos e nenhum d'elles é igual a outro. São cinco tambem os meus filhos, mas só tu saiste differente. A benção de Deus te cubra.

E d'alli a uns poucos d'annos, quando o pae conheceu que ia morrer, sentiu uma grande satisfação pensando que aquelle filho, por lhe ter ouvido os conselhos a respeito de negocios — os velhos sempre sabem mais que os moços — era um dos homens mais ricos do lugar.

N'uma audiencia:

Juiz — Sabe se os réos são casados?

Testemunha — Parece-me que sim, sr. juiz, porque passam dias inteiros a questionar.

Barometros naturaes

Aranha. — Ninguém desconhece o trabalho delicado e engenhoso da aranha: todos sabem, de que modo ella procede para armar as suas redes, mas o que nem todos teem reparado, é que, estando para chover a aranha encurta muito os ultimos fios, a que a teia está suspensa, e a deixa n'este estado, emquanto o tempo não melhora: se alonga os fios, é signal de bom tempo; e pelo grau de alongamento, será facil adivinhar a duração do bom tempo. Se a aranha está ociosa, é signal de chuva: se, durante a chuva, se põe a trabalhar, é signal, que a chuva não ha de durar muito tempo. Todos os dias, a aranha faz mudanças na sua teia: se a alteração é feita de tarde, pouco antes de sol posto, a noite será bella.

Andorinha. — Se a andorinha voa baixo, e deixa ouvir um pio mansinho, raro e triste, é signal de chuva proxima. Se a andorinha voa a grande altura, para a direita e para a esquerda, e brinca na companhia das outras presagio é de bom tempo. Em occasião de tem-



Nas Caldas da Rainha

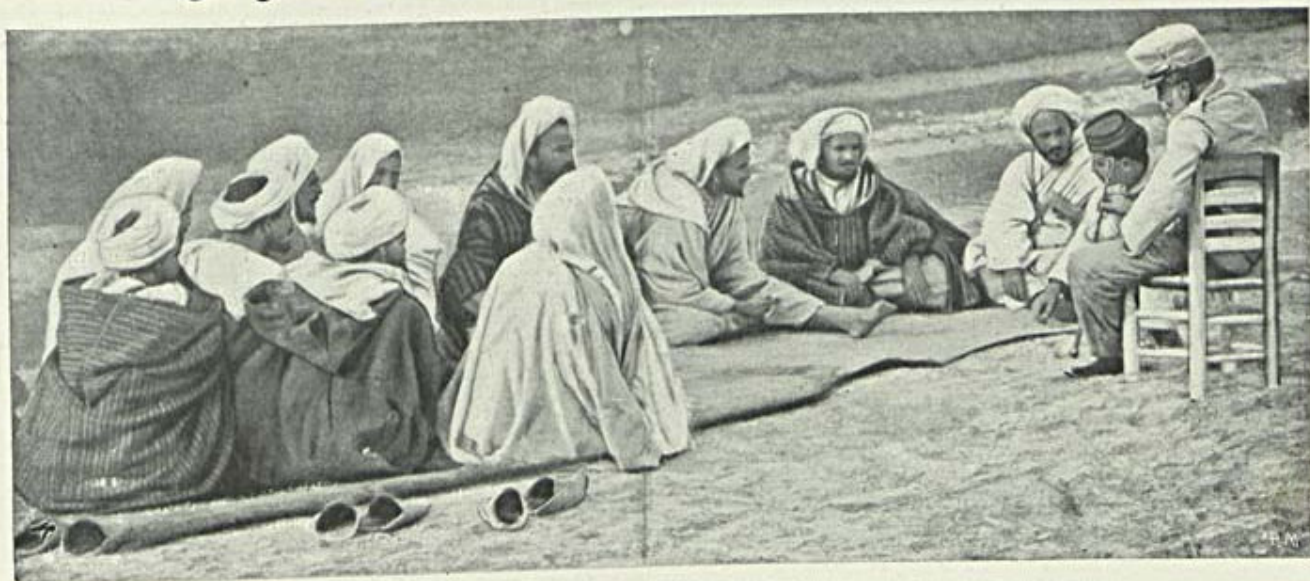
*O «pic-nic» no Conventinho — Aspecto tirado no proprio local
(Cliché do commendador Jorge de Almeida Lima — amador).*

poral, a andorinha sobe até ás nuvens: então, seu voo é lento, majestoso; a ave paira, já não voo.

Outros animaes. — Na primavera, deixar o ninho uma só pèga, prognostica chuva: deixal-o o pae e mãe juntamente, significa bom tempo.

Quando a chuva está imminente, o pavão dá frequentes pios; o picanço geme; o papagaio palra; a gallinha de Angola empoleira-se; o pato mostra inquietação, agita as asas, deita-se na agua, vae, volta, pára, corre, voo.

A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff



Grupo de mouros leaes à Hespanha dando conta ao general Marina das baixas que teve o inimigo

Centenario da Guerra Peninsular

Do sr. Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca recebemos a seguinte carta:

Lamego, Quinta de Varzea, 8 de setembro de 1909.

Sr. Director:

N'uma carta publicada no *Brasil-Portugal* do primeiro de agosto ultimo, nega-se-me a representação legitima de meu Bis-avô, o primeiro conde de Amarante.

Sem querer fatigar os seus leitores com a explanação dos meus legitimos direitos, só direi, que é nulla a legitimação da filha bastarda do Sr. Marquez de Chaves, em que se fundam os pretendidos direitos de quem escreveu a citada carta:

1.º Porque a Regencia da Terceira, declarou nullos e irritos todos os actos do Usurpador, e as Côrtes subsequentes approvaram quanto a regencia decretou.

2.º Mesmo porque não se legitimam filhos naturaes nascidos durante o matrimonio. E' contra direito antigo e moderno.

3.º Porque a legitimação, em referencia, dá á legitimada o direito de succeder em honras e vinculos que o pae tinha por herança ou successão, e assim revogava graças régias anteriores, e disposições testamentarias que constituíram terças, em vinculos de morgados. Ora n'estas constituições vem sempre a ordem do instituidor de que sómente poderão succeder os do seu sangue legitimos, e de legitimo matrimonio, o que não é o caso da senhora legitimada. E com relação ás honras régias ha a mesma disposição: Succedem n'ellas os filhos ou filhas legitimos, não os legitimados.

4.º Porque a propria legitimação é um documento, além de gracioso, contradictorio, pois, resalva os direitos de terceiro. Logo reconhece esses direitos, e esse terceiro, nos filhos legitimos do primeiro conde, nos irmãos legitimos do segundo conde, porque a legitimação não tira aos legitimos esta qualidade, não a pode tirar e até lh'a reconhece na resalva que faz dos seus direitos.

N. B.— Direitos, expressão usada na legitimação.

5.º O facto da legitimação permittir a successão em vinculos, annullando testamentos, o que sómente tribunaes podem fazer em casos determinados, invalida aquelle documento, se outros motivos não houvesse, em superabundancia, para o considerar de nenhum valor.



No acampamento — Soldados bebendo agua á chegada d'um comboio de munições

A descoberta do polo norte



O explorador Peary

6.º Era o Marquez *administrador* de vínculos e *herdeiro* de honras. D'ellas e d'elles não podia dispor livremente: tinha a successão de regular-se pelas respectivas instituições, pois elle não era o *dono* absoluto.

7.º E tanto é isto verdade, que, confiscados os bens de criminosos por sentenças, os bens vinculados passam ao immediato e *legítimo*, successor de *legítimo* matrimonio, e não a outrem.

8.º O actual titulo de marquez não foi dado como verificação de segunda vida, mas como *mercê nova*. Logo não foi reconhecida a legitimação, pelo governo constitucional, de accordo com os decretos da Regencia da Terceira, e pode o *legítimo* representante do primeiro conde de Amarante requerer a verificação d'este titulo, visto proceder elle de *legítimos*

matrimonios, e estarem resalvados os direitos de terceiro.

Não voltando mais a tratar d'este assumpto, e esperando da lealdade de V. a publicação d'esta carta, sou, com muita estima e consideração:

De V. etc.

BERNARDO DA SILVEIRA PINTO DA FONSECA
Representante do 1.º conde de Amarante

O marquez de Pombal e a sua epoca

(Conclusão)

VI

Transcorreu mais um melancólico inverno, renovaram-se as campinas, e pelas vidraças Carvalho via reverdecerem as arvores; o verão chegou radioso, enchendo de sol o quarto, onde as alegrias da natureza não encontravam reflexo. Em tamanho tempo o processo fôra como que esquecido. Da corte não vinham novas, a preocupação do enfermo era só por manter a casa esplendida, que aos seus entendia legar. O punho debil mal garatujava a firma nas recommendações ditadas, para os filhos e procuradores, sobre a administração das propriedades, para o advogado, sempre activo nos intermináveis e complicados pleitos. A espaços, referencias aos negocios publicos, e sobre elles os acerbos juizos do politico no ostracismo.

Subito, no mez de agosto (1781) sahio á luz o affrontoso decreto, declarando Pombal réo e *merecedor de um exemplar castigo*. A rainha, todavia, lembrando-se mais da clemencia que da justiça, em attenção á idade e ás doenças, e porque o marquez lhe pedira perdão, remittia-lhe as penas corporaes, confirmando porém o desterro, e os direitos que por parte da fazenda real de futuro se provassem. Dos juizes, cujo laudo serviu de base á decisão, dois tinham sido da confiança intima do marquez: José Ricalde Pereira de Castro e o procurador da corôa, Azeredo Coutinho, ambos da commissão de reforma da Universidade, ambos com o nome vinculado á nefanda sentença, ditada pelo mesmo que agora votavam á deshonra e ao castigo, contra o infeliz Pele, por vagas suspeitas trucidadas.

Com a tardia resolução régia, que sómente o infamava, deixando-lhe a curta e miseranda vida, Pombal, já indifferente a tudo que não fôsse a dor physica ou a perda da fortuna, despedido de orgulhos, sem esforço se conformou. Ninguém da familia, ao menos na apparencia, se sentiu aggravado. Nem o filho, conde de Oeiras, nem o genro, morgado de Oliveira, ambos aulicos, devolveram, n'um impeto de desaffronta, as chaves de ouro de camaristas. O primogenito, herdeiro do titulo, satisfeito, escrevia: «O ultimo decreto fechou a porta a todos os procedimentos». E o pae, esquecido das misérias do interrogatorio, convicto de que se havia justificado: «Sendo eu ouvido não será facil provar contra mim cousa que me faça carga, porque nada obrei que não fosse debaixo dos ordens de el-rei»¹, continuava a suppôr-se defendido com a traça que, nem para os juizes, dispostos a condemnar, nem para a posteridade desprevenida, valeu.

Em Lisboa, a lenidade da soberana escandalizava os rancores. Ao mesmo tempo recusava-se a evidente justiça aos manes dos Tavoras, absolvidos

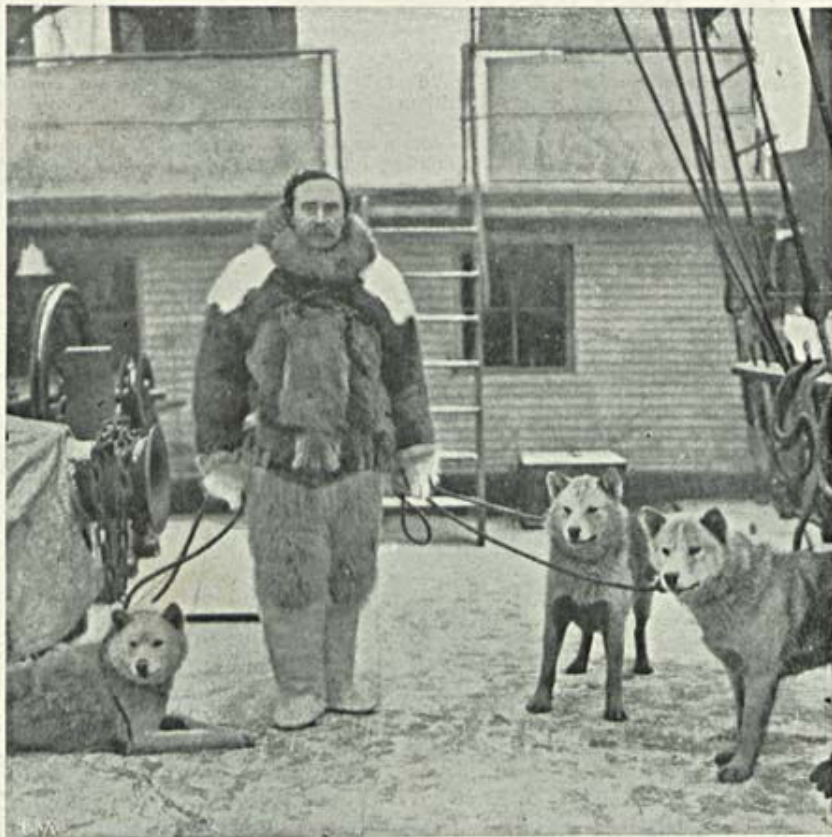
pelo tribunal de revisão. Os ecos da indignação publica, chegando á beira do enfermo, mal o podiam abalar. A clemencia real, lenta a pronunciar-se, talvez na esperança de que se anteciperia a morte á sentença dos homens fôra um dom vão. Alguns mezes mais de martyrio e extinguiu-se-lhe a vida a 8 de março de 1782.

No dia 12 transportou-se o corpo embalsamado á egreja dos Capuchos na villa. Tinha-lhe feito autopsia. O coração, que abrigara tantos odios, hypertrophiado, era enorme: o cerebro, onde nasceram as ambições tambem volumoso. A's exequias, com o bispo de Coimbra, antigo reitor, concorreram lentes da Universidade, o primeiro como amigo provado, estes em preito á memoria do reformador. Dos logares convizinhos acudiu povo em multidão, atrahido pela solemnidade, unica em pompa naquelles redores. Orou o benedictino frei Joaquim de Santa Clara, exaltando as virtudes e merecimentos do morto, e foi transferido para Tibães, em castigo de haver dito d'elle aquillo mesmo que, em outros tempos, tantos apregoavam do vivo. A homenagem posthuma ao homem, que se sumira abysmado em tantos odios, irritou o ministerio e a opinião. O espirito de mesquinha vingança tripudiou ainda sobre o cadaver. A's honras derradeiras responderam ainda libellos; o governo não consentiu que a familia transportasse para o jazigo em Lisboa, na egreja das Mercês, o corpo que ficou por isso em Pombal.

Dos successores nenhum sahio a vindicar-lhe a memoria. Herdavam a casa e o nome, mas, no intimo, renegavam o grande antepassado. A hostilidade aos poderes da Egreja importava tacha indelevel na estirpe nobre, e convinha deixar que o tempo a delisasse. Com o sangue dos Carvalhos confundia-se o dos Tavoras e o de José de Seabra, o perfido e infame. O terceiro marquez de Pombal, repellido consorte de Isabel de Sousa, desposara uma filha de Nuno de Tavora, preso nos carcereiros da Junqueira; uma filha do morgado de Oliveira, conde de Rio Maior, uni-se depois ao primogenito de Seabra. Transmutara-se tudo, e do passado permanecia vivaz na descendencia sómente o culto do monarcha, dispensador supremo das honras e das graças.

Com os principios a que deveu a sua fama ficaram as cinzas do estadista ao abandono em Pombal. Em 1811, passando os francezes, com a ferocidade de que em toda a parte deixaram vestigios as suas armas, arrombaram o sarcophago, e despojaram o esqueleto. Mão piedosa juntou os ossos e cerrou a lousa novamente.

Tinhm-se aquietado as paixões, e sobre o discutido nome pairou silencio de muitos annos. Rompeu-se depois, e Pombal resuscitou



A descoberta do polo norte. — Peary a bordo do «Roosevelt» com alguns dos cães que utilisou na sua viagem ao polo

Teem a maior actualidade as gravuras que publicamos n'esta pagina referentes ao explorador Peary, um veterano das expedições polares.

Foi em 1881, isto é ha vinte e oito annos, que Peary tentou pela primeira vez descobrir o polo, conseguindo fixar o limite septentrional da Goenlandia e descobrindo depois uma ilha, ainda mais ao norte, a que foi dado o nome de Terra de Peary. Em 1906 chegou á latitude de 87 graus e 6 minutos, vencendo assim o record de Nansen em 1895 e de Cagni em 1900.

Presentemente dois exploradores se attribuem a gloria da descoberta do polo norte — Peary e Cook. Sobre elles convergem presentemente as attensões de todo o mundo civilisado.

Jogos floraes hispano-portuguezes



Grupo de damas que formavam a «Corte do Amor» que acompanhou a infanta Isabel no grande certame ha pouco realizado em Salamanca.

inspirado pelo desejo de não separar-se na morte d'aquelles com quem durante a vida se esteve unido, procedendo o mesmo costume tambem das noções vagas e incertas que os antigos tinham tanto sobre a natureza da alma, como sobre o seu futuro destino, noções que se encontram nos primeiros tempos do mundo.

O capitulo 23 do Genesis prova que já no tempo de Abrahão existiam os sepulcros destinados para toda uma familia; e as ultimas palavras de Jacob exprimem, com uma pathetica simplicidade, a opinião que nos transmittiu aquelle antigo costume, o qual passará certamente aos nossos ultimos descendentes.

Muitos trechos das obras dos historiadores sagrados e profanos provam a evidencia a extrema importancia que se dava a esta cerimonia.

Os gregos e romanos acreditavam que a alma não podia ser feliz e persistir tranquilla, enquanto o corpo estivesse por queimar ou enterrar.

Nos primeiros tempos da Grecia este direito de sepultura serviu de fundamento para muitas tragedias, e principalmente para a «Antigona» de Sophocles; e os athenienses, que haviam tocado a méta da prosperidade, condemnaram á morte seis generaes victoriosos, só por serem accusados de deixarem sem sepultura os guerreiros que tinham sido mortos na batalha

na lenda, em toda a grandeza que os lisonjeiros lhe attribuíram durante o poder. Deformado o seu genio, transfigurou-se o tórvo despota em corypheu da liberdade.

João Lucie.

16 outubro 1781.

Os enterros através dos povos e dos tempos

Parece que o enterramento é o mais antigo modo de dispor dos restos mortaes dos homens.

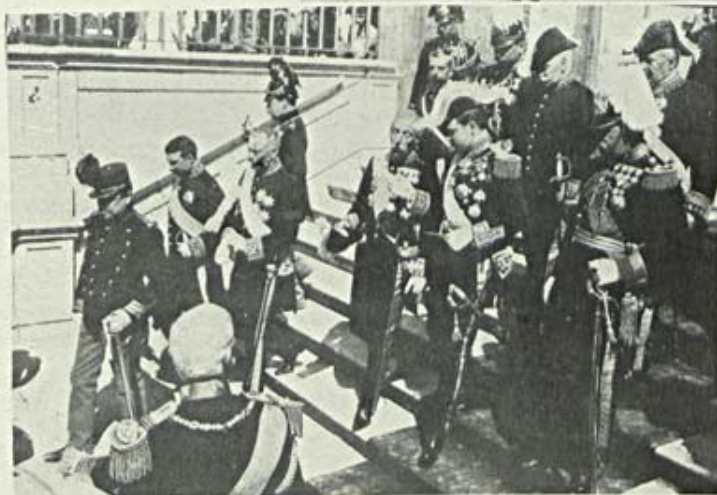
O costume de enterrar os parentes em um lugar commum foi certamente

das Arginosas. O costume de reduzir a cinzas os nossos despojos mortaes, posto que não seja tão antigo como os enterros, data todavia de tempo immemorial; e assim é difficil assignar-lhe uma origem certa. O primeiro facto d'este genero, que se acha entre os judeus, os quaes seguiram pouco a pouco alguns costumes de seus vizinhos, é relativo a Saúl cujo corpo foi primeiramente queimado, e depois sepultado. Ainda hoje se usa o mesmo no Japão, na Tartaria, e em outras partes do Oriente, sendo adoptado modernamente este costume em algumas regiões do norte da Europa.

Os gregos e os romanos tambem adoptaram o costume de queimar os corpos, sem que excluíssem inteiramente o simples enterramento. Cicero escreve que Cecrops, vindo do Egypto, introduzira este uso na Grecia, 1583 annos antes da era christá.

Algumas nações barbaras costumam expôr os cadaveres ao ar; os antigos scythas os penduravam sobre as arvores, e ainda hoje os insulares da ilha de Otahtiti e outros do mar Pacifico mettem os ca-

Exequias na Sé por alma de El-Rei D. Pedro IV



1 - O cortejo real passando no Largo de Santo Antonio da Sé

2 - El-Rei o Senhor D. Manuel sahindo do templo

3 - Personagens da corte

e membros do corpo diplomatico que assistiram á cerimonia

(Clichés de J. Benoit).

daveres em pequenas cabanas descobertas pelo alto, e d'este modo os entregam á acção da atmosphera.

Os antigos collocavam indifferenteemente os seus tumulos nas cidades, nos campos, e até nas estradas publicas. Os sepulcros dos reis de Judá estavam no jardim do palacio que tinham em Jerusalem. O sepulcro que José de Arimathea havia comprado para si, e no qual depositou o corpo do Salvador, tambem estava no seu jardim; o tumulo de Rachel achava-se na estrada que ia de Jerusalem para Bethlem; os reis de Israel sepultavam-se na cidade de Samaria; Samuel e Joab foram depositados em suas proprias casas; Moysés, Aarão, Eleazaro e Josué sobre as montanhas e a prophetisa Debora debaixo de uma arvore.

Os gregos e os romanos enterravam quasi sempre os seus mortos fóra dos muros das cidades. Em Roma só se exceptuavam d'esta regra as vestaes e um pequeno numero de familias nobres.

Os cemiterios publicos e particulares estavam nos arrabaldes da cidade.

Os turcos costumam pôr os seus junto das estradas, esperando em que os viajantes roguem pelos que acabaram a sua peregrinação.

Nos primitivos tempos da igreja, não se enterravam os christãos nas cidades.

Cerca do anno 300 é que se estabeleceram, na Inglaterra, cemiterios ao redor das igrejas, e personagens elevadas alcançaram ser depositadas dentro d'ellas. O papa Gregorio Magno motivou esta tolerancia, dizendo que a vista dos tumulos podia inspirar aos vivos o pensamento de orar pelos mortos.

Duzentos annos depois é que se introduziu o costume de sepultar os mortos nos carneiros e debaixo dos altares.

Trezentos anões no Jardim d'Acclimação, em Paris



Um aspecto

N'esta época em que tanto se procura attingir o maximo desenvolvimento physico, tem estado em Paris, no Jardim d'Acclimação, nada menos de trezentos anões que alli tem obtido um successo enorme.

Lá dentro sente-se a impressão de se estar no verdadeiro reino de Liliput. Theatro, circo, hippodromo, correio, telegrapho, carruagens, tudo enfim quanto diz respeito aos anões, é tambem... anão!

Além das vistas do conjunto que offerecemos aos nossos leitores, publicamos tambem duas pequenas gravuras muito interessantes. Uma d'ellas representa um casal de norte-americanos. O marido tem 58 annos e a mulher 67, são casados ha 24 annos, não sendo o casamento uma novidade para ella, pois já era viúva. Viajam constantemente e nunca tiveram uma doença. A outra representa dois noivos, elle um turco, não sabemos se um joven turco mas pelo menos um pequeno turco, e ella uma hespanhola de Malaga, de certo salerosa como todas as suas patricias.



Um casal de anões



Dois noivos anões



Trezentos anões no Jardim d'Acclimação, em Paris. — Outro aspecto